

VIRTUDE E SUJEITO MORAL NA FILOSOFIA MORAL DE ALASDAIR MACINTYRE¹

Virtue and moral subject in Alasdair MacIntyre's moral philosophy

Isabel Cristina Rocha Hipólito Gonçalves²

Resumo: Este trabalho apresenta como os conceitos de virtude e sujeito moral se encontram caracterizados na ética das virtudes de Alasdair MacIntyre. Alasdair MacIntyre propõe a ética das virtudes como forma de devolver a inteligibilidade à prática e teoria moral contemporânea, por meio da reapropriação de conceitos como virtude, tradição, *telos* e comunidade. Apresentamos, especificamente, como o autor elabora o conceito geral de virtude e como apresenta o sujeito moral tendo em vista a ética das virtudes.

Palavras-chave: Virtude, Sujeito moral, Alasdair MacIntyre.

Abstract: This paper shows how the concepts of virtue and moral subjects are featured in the virtue ethics of Alasdair MacIntyre. Alasdair MacIntyre proposes to virtue ethics as a way to return the intelligibility of contemporary moral theory and practice, through the reappropriation of concepts such as virtue, tradition, and community *telos*. Here, specifically, how the author develops the general concept of virtue and morality as it presents the subject with a view to virtue ethics.

Keywords: Virtue, Moral subject, Alasdair MacIntyre.

A filosofia moral contemporânea tem retomado o interesse pelo tema das virtudes³ na consecução de uma ética que garanta o sentido do todo da vida humana e forneça inteligibilidade ao agir moral. É sabido que a ética das virtudes foi lograda, enquanto tradição moral, no pensamento filosófico clássico, em especial no pensamento de Aristóteles que é o seu representante paradigmático, e permaneceu dando o tom da filosofia moral até o período medieval, sendo, contudo, a partir da modernidade deixada em segundo plano pela filosofia moral.

¹ Texto apresentado em comunicação oral na III Jornada de pesquisa do Mestrado em Ética e Epistemologia da UFPI.

² Mestranda em Ética e Epistemologia pela Universidade Federal do Piauí.

³ Em seu artigo de apresentação do livro *Ética das virtudes* (2011), intitulado *Sobre ética e virtudes*, João Hobbes alerta que o tema da virtude esteve presente em muitos autores, inclusive autores modernos, sem, no entanto, existir a formulação de uma ética das virtudes. Assim, ele aponta que existe a distinção entre o que seja uma teoria geral das virtudes do que seja uma ética das virtudes.

Os filósofos morais modernos e iluministas rejeitaram alguns elementos presentes no esquema moral da filosofia clássica e a ética da virtude foi deixada de lado. A noção de *telos*, de vida humana unitária, de bem comum, e de virtudes deixaram de compor o escopo da reflexão moral a partir da modernidade. Éticas centradas na noção de dever e de bem-estar passaram a compor o pensamento moral moderno e iluminista. A ética kantiana e utilitarista são os exemplos centrais dessas éticas que ao se contrapõem à ética clássica, que faz perguntas do tipo “que tipo de pessoa deve me tornar?” e “como devemos viver?”, passam a perguntar “quais regras devemos seguir?” ou “como devemos agir?”. Estas éticas vislumbraram o estabelecimento de princípios racionais universais passíveis de ser compreendidos e aceitos por qualquer agente racional. A primeira considerando a racionalidade da moralidade na possibilidade de elaboração de uma lei imparcial e universal, a segunda, por sua vez, assenta a moralidade e a ação correta na produção do maior bem possível, da maior utilidade.

O marco da reação a essas tradições morais se encontra na publicação do artigo *Modern Moral Philosophy* de G. E. M. Anscombe, em 1958. Neste, ela faz uma crítica a filosofia moral moderna e as noções de dever e obrigação, afirmando que as éticas deontológicas que buscam fundar a moralidade nas noções de deve e obrigação moral, certo ou errado o fazem a partir de uma concepção que não sobrevive mais na modernidade, a concepção de um legislador divino. Ainda, Anscombe faz um chamado à filosofia moral mergulhar na ética das virtudes, buscando em Aristóteles a fonte desta formulação, mas não sem que antes uma filosofia da psicologia seja elaborada.

A preocupação em resgatar elementos da ética clássica, em especial de Aristóteles e sua concepção das virtudes, presente no artigo de Anscombe influenciou um movimento dentro da filosofia moral contemporânea de resgate da ética das virtudes. Foram muitos os autores, e sob muitas perspectivas⁴, que passaram a repensar uma ética das virtudes como proposta na filosofia moral contemporânea e para a moralidade do nosso tempo. Dentre os autores que apresentam uma proposta de ética das virtudes destacamos o filósofo escocês, Alasdair MacIntyre, que assume a inspiração aristotélico-tomista na formulação de sua ética das virtudes, estruturando a racionalidade e moralidade a partir do conceito de tradição.

Alasdair MacIntyre empreende em sua Filosofia moral um projeto de revisão histórica e crítica da tradição de pensamento moral ocidental. Este denuncia o naufrágio da ética moderna e propõe como alternativa uma reapropriação da tradição aristotélico-tomista e a retomada da virtude numa perspectiva teleológica de caráter social, resgatando o conceito de tradição como pesquisa racional, e pensando o homem a partir do reconhecimento de sua condição animal e de sua vulnerabilidade e dependência.

A discussão destes pontos centrais e a construção de uma ética das virtudes são realizadas por Alasdair MacIntyre no conjunto de sua obra por meio de um diálogo com a tradição de pensamento – da filosofia clássica até o Iluminismo – e pela revisão de seus próprios posicionamentos num movimento de reflexão e crítica da literatura filosófica e da realidade social. Esse projeto filosófico de MacIntyre está condensado, principalmente, na trilogia *After Virtue: a study in Moral Theory* (1981); *Whose Justice? Which Rationality?* (1988) e *Three Rival Versions of Moral Enquiry: Encyclopedia, Genealogy and Tradition* (1990); e na obra *Dependent Rational Animals: why human beings need the virtues* (1999).⁵

⁴ As muitas éticas das virtudes que se desenvolvem na filosofia contemporânea assumem perspectivas diferentes, sendo que boa parte são de inspiração aristotélica, mas nem todas. Alguns autores contemporâneos encontram inspiração para formulação de uma ética das virtudes em Platão, em Tomás de Aquino, e outros.

⁵ As obras de MacIntyre possuem tradução para o português, com os títulos: *Depois da virtude: um estudo em teoria moral* (2001); *Justiça de quem? Qual racionalidade?* (2008). Estas versões traduzidas serão utilizadas em nosso trabalho.

MacIntyre ao longo de suas obras – em especial em *Depois da virtude* – apresenta um diagnóstico contundente acerca da moralidade e do debate moral contemporâneo, afirmando que estes se encontram em desordem e desacordo, respectivamente, sendo marcados pela ausência de um posicionamento racional que dê conta da situação em que se encontram.

Este realiza uma crítica à filosofia moral moderna, apontando que o pensamento moderno concorre em erros fundamentais⁶, não sendo possível uma recondução da modernidade e da filosofia moral a partir de seus próprios parâmetros. Assim, uma filosofia moral que possa resolver a crise moral da modernidade garantindo racionalidade à moralidade e a ética deve estar assentada em uma tradição distinta da moderna filosofia liberal. Nesta perspectiva, MacIntyre sustenta a sistematização da racionalidade pressuposta pela tradição aristotélico-tomista e a ética das virtudes, como forma de devolver a coerência à teoria e à prática morais do nosso tempo.

Na estruturação de uma ética das virtudes MacIntyre se engaja na tarefa de resgatar a história das concepções de virtude, e assim busca em cada estágio da tradição clássica – que tem Aristóteles como seu principal representante – os elementos fundamentais em sua composição que lhes fornecem fundamentação e garantem inteligibilidade: o vínculo entre virtude e estrutura social (sociedades heroicas); o conflito como centro da vida humana e esta vista como uma unidade narrativa (poetas e teatrólogos de Atenas); o esquema teleológico das virtudes, o vínculo com a *pólis*, o conceito de prática, o caráter do raciocínio prático e a superioridade da virtude sobre as regras (Aristóteles); e, por último, o componente histórico da vida humana, vista como um todo (período medieval).

Buscando identificar o conceito nuclear de virtude e delimitar uma fundamentação que o torne inteligível, MacIntyre afirma que este só pode ser compreendido se pelo menos três estágios forem identificados e entendidos em seus contextos conceituais, que ele assim caracteriza:

o primeiro estágio requer uma interpretação contextualizadora do que chamarei de prática, o segundo, uma explicação do que já caracterizei como ordem narrativa de uma vida humana singular e, o terceiro, uma explicação muito mais completa do que a que elaborei até agora do que constitui uma tradição moral. Cada estágio posterior pressupõe o anterior, mas não o contrário. Cada estágio anterior é modificado e reinterpretado à luz de cada estágio posterior, mas também oferece um constituinte essencial de cada estágio posterior⁷

De acordo com MacIntyre a noção de prática é essencial à identificação de um conceito central de virtude, uma vez que são as práticas que proporcionam o campo para o exercício das virtudes, sendo essas entendidas como atividades socialmente reconhecidas

⁶ Segundo MacIntyre a filosofia moral moderna: ignora a relação de dependência entre raciocínios sobre moralidade e justiça e as práticas dos grupos sociais e das tradições; estabelece um divórcio entre fatos e valores, delimitando os primeiros como possuindo caráter objetivo, podendo ser julgados como verdadeiros ou falsos e, por sua vez, compreendendo os segundos como tendo caráter subjetivo, estando, assim, carente de avaliação racional; fragmenta e dissolve o sujeito moral em diferentes papéis; e estabelece uma cisão entre a vida pública e a vida privada, por meio da oposição entre o bem dos indivíduos e o bem político de uma comunidade.

⁷ MacINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude: um estudo em teoria moral**. Tradução de Jussara Simões. Revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001. p. 314-315.

que exigem em seu interior o alcance de bens internos e padrões de excelência. A noção de *prática* utilizada por MacIntyre é

qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos a esta forma de atividade são realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente dela definidores, tendo como consequência ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos dos fins e dos bens envolvidos.⁸

MacIntyre afirma que a posse e o exercício de uma virtude enquanto qualidade humana capacita o homem a alcançar os bens internos às práticas e sem elas estes bens são negados. É neste sentido, que MacIntyre vai apontar uma primeira definição para virtude: “uma qualidade humana adquirida cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens que são internos às práticas e cuja ausência nos impede, efetivamente, de alcançá-los”⁹.

Reconhecendo que as práticas podem apresentar certas contradições e arbitrariedades, assim como serem perversas, MacIntyre pergunta se “é preciso dizer mais a respeito do lugar das práticas num contexto social mais amplo?”¹⁰ e que os conflitos e as arbitrariedades não serão evitados “(...) se não houver um *telos* que transcenda os bens limitados das práticas constituindo o bem de toda uma vida humana, o bem da vida humana concebida como uma unidade”¹¹.

Neste ponto MacIntyre apresenta o segundo elemento essencial a um conceito central de virtude – a vida humana como uma unidade. A vida humana pressuposta por um *telos*, por um conceito de bem. E neste sentido, a tradição das virtudes requer um tipo de entendimento da vida social, que é a compreensão da vida como narrativa histórica, a vida humana como um todo, como uma unidade que proporciona um *telos* às virtudes. Assumindo a vida como uma unidade MacIntyre afirma que:

pode-se esperar que a pessoa que é genuína possuidora de uma virtude a manifeste em situações bem diferentes (...). E a unidade da vida de alguém só é inteligível como característica de uma vida unitária, uma vida que se possa conceber e avaliar na íntegra.¹²

A identidade, vista como um conceito narrativo, implica a vivência de uma história que vai desde o nascimento à morte do sujeito, que tem uma história única, pois carrega seu próprio significado. E este é responsável pelas ações e experiências que compuserem sua narrativa de vida, assim como tem parcela de responsabilidade nas narrativas dos outros e estes na sua, pois a narrativa de qualquer sujeito está interligada a outras tantas narrativas. Neste sentido,

a vida individual consiste na unidade de uma narrativa encarnada numa vida singular, que na forma de atos e palavras tenta responder sistematicamente às questões acerca do que é o bem para o homem. É o tecido histórico dos significados formado pelas respostas a

⁸ MacINTYRE, 2001, p.316

⁹ MacINTYRE, 2001, p. 321.

¹⁰ MacINTYRE, 2001, p. 337.

¹¹ MacINTYRE, 2001, p. 340.

¹² MacINTYRE, 2001, p. 345.

essas questões que constitui a unidade da vida moral tanto para um indivíduo como para a comunidade.¹³

Neste aspecto, é que o vínculo com a *pólis* se estreita e se impõe como condição de realização e busca do sujeito no interior de uma vida como uma unidade de uma narrativa. Essa vida se traduz em busca que é sempre orientada por um *telos*, por uma concepção de bem que permite a ordenação de variados bens e fornece substrato às virtudes. Essa busca pelo bem e o exercício das virtudes define a vida boa para o homem, e esta somente se realiza em comunidade. Neste sentido, MacIntyre diz que

chegamos, então, a uma conclusão provisória sobre a vida boa para o homem: a vida virtuosa para o homem é aquela vida passada na procura da vida boa para o homem, e as virtudes necessárias para a procura são as que nos capacitam a entender o que mais e mais é a vida boa para o homem.¹⁴

A definição de vida boa para o homem – uma vida humana como um todo, orientada para um fim – exige a delimitação do terceiro elemento constitutivo do complexo conceito de virtude – o de tradição, de comunidade histórica.

A busca do bem e o exercício das virtudes não se efetivam pelos sujeitos como indivíduos isolados, uma vez que cada sujeito carrega uma identidade social e histórica – que são coincidentes –, estando a história da vida de cada um inserida na história da comunidade: “sou filho ou filha de alguém; sou um cidadão desta ou daquela cidade, membro desta ou daquela associação ou profissão; pertencço a tal clã, tal tribo, tal nação.”¹⁵

A definição do eu se dá pela herança de um passado que entrelaça presente e futuro, porque pertencente a uma tradição. Tradição que implica “uma argumentação sobre os bens cuja procura dá a essa tradição seu próprio sentido e finalidade”¹⁶, e é uma história de conflitos, uma arena de debates na qual a racionalidade tem lugar.

São as tradições que fornecem as práticas e a vida humana como um todo o contexto histórico necessário a sua existência e desenvolvimento, assim como inteligibilidade:

a história de uma prática na nossa época está, em geral e caracteristicamente, inserida na história mais longa e ampla da tradição, e por meio da qual a prática se torna inteligível e chega, assim, à forma atual que nos foi transmitida; a história da vida de cada um de nós está inserida, geral e caracteristicamente, e se torna inteligível, nos termos das histórias mais amplas e mais longas de inúmeras tradições.¹⁷

O exercício das virtudes é que possibilita o desenvolvimento e o fortalecimento das tradições, assim como a ausência das virtudes podem possibilitar a desintegração e o desaparecimento das tradições. Portanto, diz MacIntyre, o sentido e finalidade das virtudes estão no sustento das relações que possibilitam o alcance de bens internos às práticas, assim como no sustento da procura do bem por um indivíduo durante uma vida inteira e assim como no sustento das tradições, que são o contexto social para as práticas e as vidas.

¹³ CARVALHO, Helder Buenos Aires de. **Tradição e racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre**. Unimarco Editora: São Paulo 1999. p.119.

¹⁴ MacINTYRE, 2001, p. 369.

¹⁵ MacINTYRE, 2001, p. 371-372.

¹⁶ MacINTYRE, 2001, p. 372-373.

¹⁷ MacINTYRE, 2001, p. 374

O exercício das virtudes habilita seus possuidores a buscarem seu próprio bem e o bem da tradição a que pertencem, uma vez que neste contexto, a melhor realização de uma tarefa ou ação é fazê-lo do melhor modo tanto para o sujeito que a realiza enquanto indivíduo, como enquanto pai, filho, cidadão, membro de uma comunidade ou profissão.

Assim, o sujeito moral realiza sempre uma tarefa que é uma tarefa política, pois sempre a ser realizada em comunidade, integrando o processo de reflexão e deliberação acerca do bem comum, como seu bem e como o bem da comunidade. O ponto de partida moral de cada sujeito são os débitos, patrimônios, expectativas, orgulhos e obrigações herdadas do passado de sua nação, de sua cidade, de sua família. Esta herança, que é seu ponto de partida, é o que garante sua particularidade moral, e a partir desta particularidade que a busca pelo bem, pelo universal pode se iniciar.

O homem é, segundo MacIntyre, em suas ações e práticas um animal contador de histórias, e torna-se tal no decorrer de sua história. A resposta a pergunta ‘*o que devo fazer?*’ só pode ser respondida mediante a resposta à pergunta ‘*de que histórias faço parte?*’. As crianças aprendem como é o mundo que as cercam, as pessoas, personagens, papéis, funções sociais, virtudes e vícios, ouvindo relatos, ouvindo as histórias sobre o mundo a que pertencem. Por meio dessas histórias essas crianças podem ser educadas para as virtudes. MacIntyre vai apontar que

ingressamos na sociedade humana com um ou mais papéis a nós atribuídos – papéis para os quais fomos recrutados – e temos de aprender o que são para poder entender como os outros reagem a nós e como nossas reações e eles poderão ser interpretadas.¹⁸

O eu só pode ser caracterizado e explicado tendo em vista a vivência de uma história que vai do nascimento à morte do sujeito, e que ganha significado peculiar no seu desenvolver enquanto narrativa inteligível, que se direciona a um *telos*. E ser um sujeito de uma história narrável é ser responsável pelas ações e experiências vividas e contadas, é poder ser chamado a dar explicação sobre sua vida. E essa explicação além de fornecida pode ser pedida a outros aos quais as histórias se entrelaçam de algum modo. Desse modo, os conceitos de narrativa, inteligibilidade e responsabilidade estão pressupostos entre si e pressupõem o de identidade pessoal, assim como o conceito de identidade pessoal os pressupõem.

Assim, para MacIntyre “a unidade de uma vida humana é a unidade de uma busca narrativa”¹⁹. Enquanto buscas narrativas as vidas humanas podem obter êxito ou fracassar, e o critério para essa caracterização se constitui na própria busca, na própria narrativa, está relacionado ao *telos*, ao que se busca encontrar, ao bem. Contudo, este bem não está previamente dado, caracterizado de modo absoluto, mas é concebido no decorrer da busca, da jornada, no caminhar. “A busca é sempre uma educação quanto ao caráter do que se procura e de autoconhecimento.”²⁰

Para MacIntyre, a busca pelo bem e o exercício das virtudes não é uma tarefa ou prática individual. A vivência de uma vida boa pelo sujeito está ligada a uma identidade social particular. o sujeito moral, nesta perspectiva, só pode ser caracterizado tendo em vista a caracterização da tradição a que pertence, uma vez que sua identidade particular, assim como as virtudes que exercer, estará ligada a identidade da comunidade a que pertence e às virtudes que a comunidade partilhar e valorizar, como aquelas essenciais ao exercício da ação boa, e necessárias ao empreendimento de busca pelo bem, que traduz a vida boa. Dessa forma, a ação moral, a melhor ação só tem sentido mediante o contexto da

¹⁸ MacINTYRE, 2001, p. 363.

¹⁹ MacINTYRE, 2001, p. 367.

²⁰ MacINTYRE, 2001, p. 368.

boa vida buscada por sujeito moral que se constitui como virtuoso enquanto aquele que exerce as virtudes ao conduzir sua vida, enquanto uma narrativa de busca pelo bem.

O sujeito moral deve encerrar em si mesmo a virtude e a racionalidade prática. Tornar-se um raciocinador prático independente implica, na perspectiva de MacIntyre, desenvolver a capacidade de avaliar, modificar ou excluir seus próprios juízos práticos e perguntar a si mesmo sobre se as razões para agir são realmente boas razões; desenvolver a capacidade para imaginar futuros alternativos possíveis, de modo que possa escolher racionalmente entre eles; e adquirir a capacidade de distanciar-se dos seus desejos para perguntar-se racionalmente sobre o que é necessário para buscar o bem e assim ou orientar ou reeducar seus desejos para alcançar o bem. O desenvolvimento destas capacidades por parte de um sujeito depende de maneira essencial da contribuição dos outros, e as relações de cuidado que envolvem dar e receber reciprocamente perduram por toda a vida dos indivíduos.

É importante que o ser humano possa entender sua identidade animal através do tempo desde sua concepção até a morte, e entender a necessidade do cuidado de outras pessoas nas diferentes etapas da vida, e saber que à medida que recebeu e recebe cuidados durante toda a vida, será em algum momento chamado a prestar esses cuidados, e mesmo cuidando dos outros precisará ser cuidado por outros também.

Na obra *Dependent rational animals*, MacIntyre reconhece a impossibilidade de se pensar uma ética independente de uma biologia²¹, uma vez que o não reconhecimento da condição animal do ser humano e suas implicações impedem o reconhecimento de outros aspectos relevantes sobre o papel das virtudes na vida do ser humano.

Uma explicação satisfatória dos bens, das normas e das virtudes que definem a vida moral só será possível mediante uma explicação acerca do desenvolvimento do ser humano constituído biologicamente como tal e de uma vida moral possível de acordo com esse desenvolvimento, que deve ser tomado em comparação com outros animais inteligentes e que exige o reconhecimento também de um certo grau de dependência e incapacidade do ser humano. Assim, afirma MacIntyre:

as virtudes que nós precisamos, se vamos desenvolver de nossa condição animal inicial até aquela de agentes racionais independentes, e as virtudes que nós necessitamos, se vamos confrontar e responder à vulnerabilidade e deficiência, tanto em nós mesmos como nos outros, pertencem a um e mesmo conjunto de virtudes, as virtudes peculiares aos animais racionais dependentes, cuja dependência, racionalidade e animalidade têm de ser entendidas em relação umas com as outras.²²

MacIntyre afirma que o ser humano tem uma identidade animal, que é identidade corporal e isso não pode ser ignorado, uma vez que as relações entre os seres humanos são em parte definidas a partir dessa identidade animal e os diversos males que podem afligir o

²¹ Em *Depois da virtude*, MacIntyre oferece uma explicação do lugar que ocupam as virtudes, no sentido aristotélico, tendo em vista as práticas sociais, a vida dos indivíduos e comunidades, estabelecendo uma independência em relação ao que ele chamou de “biologia metafísica” de Aristóteles. Esta posição foi revisada e corrigida por MacIntyre no decorrer de suas obras posteriores, especialmente em *Dependent Rational Animals* (1999).

²² MacINTYRE, Alasdair. **Dependet rational animals**: why human beings need the virtues. Chicago, Illinois: Open Court Publishing Company, 1999. (The Paul Carus Lectures Series, 20). p.5.

ser humano dizem respeito aqueles que alteram esta identidade ou resultam em incapacidades.

De acordo com MacIntyre para que uma explicação satisfatória sobre a condição humana seja realizada é necessário o reconhecimento da vulnerabilidade e dependência como parte desta condição. Os seres humanos são vulneráveis a uma diversidade de aflições e enfermidades e o enfrentamento destas condições depende somente em parte de cada um em si mesmo, uma vez que o frequente é que todo indivíduo dependa dos demais para sua sobrevivência e seu florescimento. Esta dependência em relação aos outros para receber proteção e sustento é mais evidente durante a infância e a velhice, mas entre estas duas etapas pode haver períodos, mais ou menos longos, em que o ser humano venha a padecer de alguma enfermidade, lesão, ou incapacidade, chegando, em alguns casos, a adquirir uma incapacidade para o resto da vida.

Assim, diz MacIntyre, para compreendermos os fenômenos da deficiência e dependência temos que afirmar a animalidade humana, compreendendo o fato de que o corpo humano é um corpo animal e que a identidade humana é corporal, e mais além, de que o ser humano não tem um corpo, mas é seu corpo. Assim, o desenvolvimento e o florescimento humano estão relacionados à espécie de animal que é o ser humano e não a uma superação desta condição. Neste sentido, Carvalho afirma que

MacIntyre, ao conectar vulnerabilidade, dependência e autonomia racional numa mesma equação, contextualizando-as no âmbito da animalidade do ser humano, realiza mais uma vez a percepção das virtudes com um traço comunitário e cooperativo, não as reduzindo a qualidades de caráter individual ou traços meramente emocionais. Ao enfatizar que somos dependentes de outros humanos não somente para nossa sobrevivência, mas também para que possamos florescer como seres humanos autônomos e racionais, MacIntyre nos faz lembrar que só nos tornamos agentes reflexivos práticos independentes, através da participação num conjunto de relações com outras pessoas que regra geral, são capazes de nos dar o que precisamos. À medida que crescemos, passamos a dar mais do que recebemos, mas quando chegarmos a velhos, iniciamos um processo em que precisamos receber mais do que damos.²³

A perspectiva que MacIntyre apresenta só é possível tendo em vista uma ética das virtudes, uma vez que somente mediante exercício das virtudes uma comunidade calcada em relações de dar e receber na justa medida pode ser vislumbrada e efetivada. MacIntyre afirma que as virtudes são indispensáveis para o florescimento humano, pois, sem as virtudes morais e intelectuais não seria possível o desenvolvimento do exercício do raciocínio prático; não seria possível cuidar e educar os outros de modo a exercitarem sua capacidade de raciocínio prático; e não seria possível proteger os outros e a nós mesmos da negligência, falta de compaixão, estupidez, cobiça e malícia.

Referências

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. A propósito do comunitarismo. **Síntese-Nova Fase**, n. 25, 83, p. 563-578, 1998.

²³ CARVALHO, Helder Buenos Aires de. Ética das virtudes em Alasdair MacIntyre. In: HOBUSS, João (org). **Ética das virtudes**. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2011. p. 210-211.

_____. **Tradição e racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre**. Unimarco Editora: São Paulo, 1999.

_____. A contemporaneidade de Aristóteles na filosofia moral de Alasdair MacIntyre. **Síntese. Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v.28, n. 90, p. 37-66, 2001.

_____. Comunidade Moral e Política na ética das virtudes de Alasdair MacIntyre. **Ethic@ Revista Internacional de Filosofia**. Florianópolis. n° 4, v. 6, n° 4, p. 17-30, 2007.

_____. Alasdair MacIntyre e o retorno às tradições morais de pesquisa racional. In: OLIVEIRA, Manoel A. (ORG). **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2008.

_____. Ética das virtudes em Alasdair MacIntyre. In: HOBUSS, João (org). **Ética das virtudes**. Florianópolis, SC: Editora ufsc, 2011.

HOBUSS, João. Sobre ética e virtudes. In: HOBUSS, João (org). **Ética das virtudes**. Florianópolis, SC: Editora ufsc, 2011.

MACINTYRE, Alasdair. **Dependet rational animals: why human beings need the virtues**. Chicago, Illinois: Open Court Publishing Company, 1999. (The Paul Carus Lectures Series, 20)

_____. **Depois da virtude: um estudo em teoria moral**. Tradução de Jussara Simões. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. **Justiça de Quem? Qual racionalidade?** Tradução de Marcelo Pimenta Marques. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

Texto recebido em: 30/04/2012
Aceito para publicação em: 03/05/2012